

# *apenas uma noite*

**de Pedro Neschling**  
baseado na obra "Before Sunrise"

## **ATO ÚNICO**

**Henrique e Diana estão dentro de um ônibus. Ela está tentando ler um livro. Ele está rindo alto com as piadas de seu livro.**

**Henrique fixa o olhar em Diana sentada na frente.**

HENRIQUE - Bonita a vista, né?

DIANA - Não... É que eu fico um pouco enjoada.

HENRIQUE - Quer um remédio?

DIANA - Não. Obrigada.

**Silêncio. Diana volta a folhear as páginas do seu livro. Henrique se senta na poltrona atrás dela.**

HENRIQUE - Você está lendo o quê?

DIANA - "História do Cerco de Lisboa" do Saramago. E você?

HENRIQUE - (SEM GRAÇA) "As melhores piadas do mundo" do Casseta & Planeta.

**Diana sorri.**

DIANA - Bem construtivo!

Diana volta a ler.

HENRIQUE - Sabia que meu pai é diplomata? Fui criado viajando por aí. Passei minha infância na Nigéria, Hong-Kong, Buenos Aires... Agora estou morando em Paris.

DIANA - Paris? Uau! Que vida infeliz! (RI)

HENRIQUE - (MEIO OFENDIDO) Ah! Já sei o que você está pensando! "Filhinho de papai"! "Vida fácil ele tem"!

DIANA - (ESTRANHANDO) Calma, não é nada disso!

HENRIQUE - Mas não pensa que a minha vida é esse parque de diversões que você imaginou... Não moro em Paris com meus pais. De fato eu não moro com eles desde os meus 19 quando acabou a escola.

DIANA - E você faz o que em Paris?

HENRIQUE - Trabalho, vivo, me divirto... Mas e você? Pra onde você vai? Mora no Rio?

DIANA - Não. Eu moro no sul. Florianópolis. Nasci em Minas, mas meus pais logo se mudaram pra lá. Estou voltando pra casa. As aulas começam na semana que vem.

HENRIQUE - O que você estuda?

DIANA - Direito.

HENRIQUE - Que perigo! É melhor tomar cuidado com você!

HENRIQUE - Permetez-moi, déessee, de m'approcher pour mieux mápprofitez de vos merveilles... (Permita-me, deusa, aproximar-me para melhor gozar de vossas maravilhas...) (*Permetê muá, dêesse, dê maprochê pur miö maprofitê de vô mérvéi...*)

DIANA - Hein?

HENRIQUE - Posso sentar?

DIANA - Pode.

**Henrique levanta e vai se sentar ao lado de Diana. Eles ficam sem graça. Falam ao mesmo tempo.**

HENRIQUE - Está vindo de Parati...

DIANA - Você vai ao Rio de Janeiro...

HENRIQUE - Você está vindo de Parati mesmo?

DIANA - Estou. Fui visitar umas amigas.

HENRIQUE - Foi divertido?

DIANA - (SE DIVERTINDO COM O INTERESSE) Foi. Foi sim. Paraty é lindo. (PAUSA) E você? Está de férias?

HENRIQUE - (INCOMODADO) Mais ou menos.

DIANA - E o que vai fazer no Rio?

HENRIQUE - De verdade? Vou descobrir amanhã... Estou viajando por aí faz três semanas.

DIANA - Que barato. Sozinho ou com amigos?

HENRIQUE - Eu tinha uma amiga em Salvador.

DIANA - Salvador? Que barato!

HENRIQUE - (SEM QUERER CONTRARIAR) É...

DIANA - E as viagens estão sendo legais?

HENRIQUE - Claro. Passei os dias olhando pela janela dos ônibus. Teve seu charme. Pelo menos você tem idéias que nunca teria...

DIANA - Que tipo de idéia?

HENRIQUE - Quer ouvir uma?

DIANA - Claro.

HENRIQUE - (MEIO EMPOLGADO) Eu pensei em fazer documentários pra TV. Tenho uns amigos que trabalham na TV a cabo. Eles exibem programas baratos, que qualquer um pode fazer. (EMPOLGANDO-SE AINDA MAIS) O meu ia ser sobre as similaridades dos seres humanos... Assim: Como um engenheiro de Manaus vive igual a um barman de Sampa. Ia mostrar os caras acordando, lendo jornal, fazendo suas refeições...

DIANA - (ACHA A IDÉIA HORRÍVEL) Sei... Todas essas coisas chatas que todo mundo tem que fazer.

HENRIQUE - (COM HUMOR) Eu ia dizer "a poesia do dia-a-dia", mas se você prefere assim... Vai! Tenta ver por esse ângulo...

DIANA - (CORTANDO) Quem vai querer assistir a isso?

HENRIQUE - Um filme americano onde um casal que nem se conhece passa a se amar em um dia é bonito, mas um cara tirando grana no caixa eletrônico é ridículo?

DIANA - Como num Globo Repórter sobre comportamento. Uma espécie de Big Brother "cult".

HENRIQUE - O que você acha?

DIANA - (SORRINDO) Chato pra burro. (PAUSA) Imagine: uma cena de sexo rápido e mal feito com ele dormindo logo depois.

HENRIQUE - Esse episódio ia dar o que falar!

DIANA - Pois então já sei qual seria o meu episódio!

HENRIQUE - Manda...

DIANA - Em casa, às três da manhã, morrendo de fome vendo TV e passa aquela propaganda: (CANTANDO) "Dois hambúrgueres, alface, queijo, molho especial, cebola e pickles no pão com gergelim... É Big Mac" E o locutor fala: (IMITANDO O LOCUTOR) "McDonald's: Por que não agora?". (MUDANDO O TOM) Por que não? (SE IRRITANDO) Por que não? Porque são três da manhã e os McDonald's estão todos fechados, droga!

**Eles riem. A luz e música pontuam passagem de tempo. Os dois devem passar o clima de que estão conversando há horas.**

DIANA - Sabe, eu li que com a idade os casais param de ouvir direito um ao outro.

HENRIQUE - Verdade?

DIANA - Os homens perdem a capacidade de distinguir os sons agudos e as mulheres de distinguir os sons graves. É como se eles se anulassem.

HENRIQUE - Pode ser... Assim eles conseguem envelhecer juntos sem se matarem.

DIANA - Meus pais nunca conversaram comigo sobre se apaixonar, amar, casar, ter filhos... Desde pequena queriam que eu pensasse na minha carreira. Mas não podia ser qualquer carreira. Tinha que ser algo assim como... Decoradora ou advogada. Sei lá... (PAUSA) Até eu me apaixonar por direito foi horrível. Se eu dizia que queria ser escritora eles diziam "jornalista". "Quero ter um abrigo de animais" e eles respondiam "veterinária". Eu dizia "Atriz" e escutava um "Ai meu Deus!". Todas as minhas ambições e desejos infantis eram transformados em profissões práticas e lucrativas.

HENRIQUE - Faz parte, não acha? Mas quer saber? Eu sempre fui muito sozinho e nunca me importei. Apesar de tudo que eu passei, sem criar raízes em lugar

nenhum, eu lembro da minha infância como uma época mágica... Meu avô me ensinou a jogar futebol de botão, eu devia ter uns sete, oito anos e logo depois ele morreu. (SAUDOSO) Eu passava horas no meu quarto jogando sozinho. Criava campeonatos, ligas... Imaginava os jogadores, a torcida. (EMOCIONADO) Era completamente feliz daquele jeito. Meus pais achavam que eu precisava de um psicólogo, que eu era anti-social...

DIANA - É, seus pais criaram um filme diferente do seu.

HENRIQUE - Desculpe, não entendi.

DIANA - É que às vezes eu penso que a vida é como se fosse um filme, e a nossa cabeça é como uma ilha de edição. Cada pessoa monta os fatos do dia a dia da forma que acha coerente. (PAUSA) Acho que é por isso que muitas vezes as pessoas não se entendem. Elas encaram a realidade de forma diferente. E não adianta ninguém querer provar pra ninguém que está certo. No fundo todos estão...Cada um na sua maneira de ver. Quer um exemplo?

HENRIQUE - ...

DIANA - (CORTA ELE) Teve uma vez numa festa que um ex-namorado falou para uma amiga minha que tinha acabado de ter bebê. "-Nossa, você está ótima!". Eu não disse nada. Em casa estava puta com ele... Achei que ele estava meio que cantando a mulher, e ele no fundo só queria botar a mulher pra cima porque tinha achado ela bem gordinha.

HENRIQUE - Pois é, eu viajando nas fórmulas do campeonato, nas escalações do time e eles achando que eu não tinha superado a morte do vovô, que a minha paixão pelo futebol de botão era no fundo medo da morte. Pode?

DIANA - Pode! Eu morro de medo da morte. Passo 24 horas por dia com medo de morrer (RISADINHA) Juro! Por isso eu vim de ônibus. Poderia voltar pra casa de avião, mas vou pegar um ônibus no Rio porque tenho medo.

HENRIQUE - Não acredito!

DIANA - Não posso fazer nada. Eu sei que as estatísticas mostram que é mais seguro e tal... Mas quando eu entro num avião, vejo até a explosão! Eu caindo lá de cima... (TOM) Tenho muito medo desses segundos de consciência em que você tem certeza de que vai morrer. Sabe aquele "Dez, nove, oito..."?

HENRIQUE - (RINDO) E ainda vem a aeromoça e diz "as poltronas são flutuantes!" E aí ?

DIANA - Por outro lado é confortante saber que a vida é uma questão de escolha, afinal a gente pode sair dela a hora que quiser.

HENRIQUE - Nossa, estou até tonto! Acho que eu nunca pensei nisso por esse ângulo.

DIANA - Não fui eu quem disse isso... Mas eu concordo...

**Eles reparam como que olhando pela janela. Escuta-se o barulho da rodoviária.**

DIANA - Parece que chegamos ao Rio...

HENRIQUE - É...

**Os dois estão na rodoviária.**

DIANA - E você fica por aqui.

HENRIQUE - E você segue pro Sul.

DIANA - Pego o outro ônibus agora mesmo. (TOM) Acho que eu falei de mais, né? Eu tenho essa mania. Parece minha mãe.

HENRIQUE - (SEGURANDO A BOLSA DELA) Que isso! Foi uma pena não ter te conhecido antes. Adorei conversar com você.

DIANA - Eu também. Foi muito legal ter te conhecido.

**Os dois ficam parados um na frente do outro. Pequeno silêncio.**

DIANA - (CORTANDO O CLIMA) Minha bolsa...

HENRIQUE - Bom... Tchau.

DIANA - Tchau. Boa viagem.

EDAURDO - Pra você também.

**Os dois se viram e partem em direções opostas. Henrique pára. Primeiro hesita, mas logo depois se vira.**

HENRIQUE - Eu tive uma idéia louca.

DIANA - (VIRANDO-SE) Oi?

HENRIQUE - Eu tive uma idéia louca! Mas se eu não falar vou com certeza ficar me xingando pelo resto da minha vida.

DIANA - (SEM ENTENDER) O que?

**Os dois se aproximam novamente.**

HENRIQUE - É... Bom... Como é que eu vou dizer isso...(TOM) Eu quero continuar conversando com você. Não sei bem qual é a sua situação, mas senti

que nós temos alguma coisa... Sei lá... Uma espécie de conexão.

DIANA - Eu também.

HENRIQUE - (EMPOLGANDO-SE) Então! Ótimo! (SEM PENSAR) Por que você não vem passear comigo no Rio de Janeiro?

DIANA - O que?! Você está louco?

HENRIQUE - Vai ser bom!

DIANA - (CONFUSA) Mas... Como assim? Eu vou tomar aquele ônibus para Floripa. O que a gente iria fazer no Rio de Janeiro?

HENRIQUE - Sinceramente? Não sei! Na verdade, tudo o que eu sei é que amanhã de manhã, as nove e meia, eu tenho que pegar um voo pra Paris. Não estou com grana pra ficar num hotel... Então vou ficar rodando por aí. (TOM) Caramba! Estamos na Cidade Maravilhosa! (TOM) Vai ser muito mais divertido se for com você. E se eu for um louco, você foge e pega o próximo ônibus.

**Ele sorri sedutor. Ela retribui.**

HENRIQUE - Tá legal... Pensa assim: Imagine você, daqui a uns 10, quem sabe 20 anos. (PAUSA) Casada. Só que seu casamento já perdeu aquele brilho, aquele frescor. Você começa a culpar o seu marido. Começa a pensar em todos os homens que você conheceu e como teria sido se você tivesse se casado com um deles. (TOM) Então! Eu sou um desses caras. (TOM) Encara isso como uma "viagem no tempo". De lá até agora. Só assim você vai saber o que está perdendo. Vai ser um grande favor pra você e pro seu futuro marido, perceber que não perdeu nada porque eu sou um bolha também. Você vai ter certeza de que fez a escolha certa e que está feliz.

**Diana sorri.**

DIANA - (INDECISA) Caramba! Que loucura! (PAUSA E ENTÃO DECIDIDA) Tá legal! Eu topo!

**HENRIQUE pula de alegria.**

HENRIQUE - (EXULTANTE) Isso! Você vai ver: você não vai se arrepender! (TOM) Agora vamos arrumar um armário para deixar as suas bolsas. Vem...

DIANA - Tá. (TEMPO) Espera! Qual o seu nome?

HENRIQUE - (SORRINDO) HENRIQUE.

DIANA - Diana. Prazer.

**Música sobe. Mudança de luz. Os dois estão agora no Jardim Botânico. Eles estão muito sem graça.**

HENRIQUE - Lindo aqui, né?

DIANA - Que engraçado... Eu sempre ouvi falar no Jardim Botânico. Eu queria muito vir aqui.

**Riem.Voltam a se calar. Se olham e riem mais ainda.**

HENRIQUE - Agora que a gente já se conhece um pouco vamos brincar de perguntas e respostas? Só que só vale fazer perguntas diretas.

DIANA - Perguntas um ao outro? Você está falando de "Verdade ou Conseqüência"?

HENRIQUE - É, o jogo da verdade.

DIANA - (MEIO DESCONFIADA) Tá.

HENRIQUE - (ANIMADO) Vamos! Confia em mim?

DIANA - Confio.

HENRIQUE - Lá vai. (TOM. FAZENDO SUSPENSE) Primeira pergunta: Como foi a primeira vez que você se sentiu atraída sexualmente por alguém?

DIANA - (MEIO SEM GRAÇA) Atraída sexualmente? (PENSA) Ai... Que difícil! (SE ENTREGA) Ah! Já sei! Foi o Rodney.

HENRIQUE - Rodney?!

DIANA - Rodney era surfista e estava passando as férias lá na Guarda. Tinha o cabelo meio oxigenado pela parafina e os olhos bem verdes.

HENRIQUE - Rodney?!

DIANA - Rodney era lindo! Parecia um golfinho dentro d'água.

HENRIQUE - (ENCIUMADO) Que ridículo!

DIANA - A minha amiga Carol ficou completamente apaixonada pelo Rodney. Então um dia eu estava indo mergulhar e o Rodney chegou perto. Eu respirei fundo, tomei coragem e disse: "Rodney, fica com a Carol. Ela está afim de você". E o Rodney respondeu: "Que pena. Porque eu estou afim de você". Tomei um baita susto! Não achava que o ele era assim...O Rodney me convidou para sair e eu me fiz de difícil, fingi que não estava afim. Mas acabei saindo. Ficava vendo o Rodney pegar onda... Ele era tão sexy! (TOM) Escrevíamos declarações de amor um para o outro. A gente jurou que se escreveria no final do verão.

HENRIQUE - (RECEOSO) Escreveram?

DIANA - Claro que não.

HENRIQUE - (BRINCALHÃO, CONQUISTADOR) Esta é uma boa oportunidade pra te dizer que eu pego onda muito bem.

DIANA - (ENTRANDO NA ONDA) Jura? Quer ir pra praia agora?

**Os dois riem.**

DIANA - Agora é a minha vez, né?

HENRIQUE - Certo! Manda ver.

DIANA - ãh... (PENSA. PERGUNTANDO "A PERGUNTA".)  
Você já se apaixonou?

HENRIQUE - (BEM RÁPIDO) Já. Próxima pergunta.  
Você...

DIANA - (CORTANDO) Ei! Espera aí! Não vale responder assim!

HENRIQUE - Por que não?

DIANA - (SE SENTINDO ROUBADA) Poxa! Eu te dei todos os detalhes da minha atração sexual.

HENRIQUE - Mas foram perguntas completamente diferentes. Uma coisa é falar sobre sexo. Outra é falar sobre amor. O que você faria se eu te perguntasse sobre amor?

DIANA - (CONVICTA) Mentiria. (TOM) Mas contaria uma história bem interessante.

HENRIQUE - Poxa! Amor é um assunto muito complicado. (TOM) Tá bom... Eu já disse "eu te amo". E fui sincero. (TOM) Mas não sei se foi amor verdadeiro. Não foi "o amor". Sei lá. Você me entende?

DIANA - Entendo sim.

HENRIQUE - (TIRANDO SARRO) Mas minha primeira atração sexual eu posso te contar muito bem como foi! Na verdade foi um caso de atração obsessiva pela Pâmela de Castro!

DIANA - Pâmela?

HENRIQUE - Você conhece?

DIANA - Claro! Quem não ouviu falar na Pâmela de Castro?!

HENRIQUE - Aquilo é que era mulher... Morena, 1.80m, os cabelos pretos cacheados até a cintura, a pele dourada de sol e aquele... corpo !!! Nossa, aos doze anos então... Pâmela de Castro... Garota do mês da Ele & Ela de Março de 89! Pôster triplo... (TOM) Agora é minha vez: Me diz uma coisa que te deixa brava... Muito puta mesmo, louca da vida.

DIANA - Nossa! Eu acho que tudo me deixa brava! Eu sou meio garota TPM!

HENRIQUE - Me diz algumas coisas então...

DIANA - Tá bom... Deixa eu ver. (TOM) Detesto fila de banco, detesto fila de pedágio, detesto fila de lanchonete, detesto fila! Detesto ir ao dentista, detesto flanelinha. (P) Detesto cólica, detesto ficar menstruada, detesto corrupção, detesto autoritarismo, detesto machismo, também detesto feminismo, detesto tele-marketing!

**Silêncio.**

HENRIQUE - Só isso?

DIANA - Detesto o fato da mídia controlar todo mundo.

HENRIQUE - A mídia?

DIANA - É! É uma forma sutil de fascismo. Por exemplo, toda mulher tem que ter peitões!

**HENRIQUE percebe a indireta.**

DIANA - Agora é minha vez. Posso perguntar?

HENRIQUE - Pode.

DIANA - O que é um problema pra você?

HENRIQUE - (SÉRIO) Você provavelmente.

DIANA - Como é que é?

HENRIQUE - (RINDO) Brincadeira. Mas sério... Acho que a mentira é um problema. Hoje em dia todo mundo mente tanto que não é fácil acreditar em ninguém.

DIANA - Você acredita em reencarnação?

HENRIQUE - É interessante. Só acho uma coisa engraçada. Se eu te perguntar quem você era na última vida provavelmente você vai responder que era alguma coisa do Tutankamon! Todo mundo é parente do Tutankamon. Nunca conheci ninguém que tenha sido uma borboleta!

DIANA - Não... Sério... Muita gente fala sobre vidas passadas, coisas assim... Então... Mesmo que não acreditem de forma específica, todos acreditam que a alma seja eterna. Meu ponto de vista é: Há 50 mil anos atrás havia menos de 1 milhão de pessoas no mundo. Há 10 mil anos atrás havia 2 milhões de pessoas no mundo. Hoje em dia há cerca de 5 ou 6 bilhões de pessoas no mundo. E cada um de nós tem sua própria alma. Eu te pergunto: De onde veio esse monte de almas? As que vieram depois seriam frações das primeiras? Se forem, cada uma se dividiu em... 5 mil almas nesses 50 mil anos, que ainda assim é

muito pouco em relação a eternidade. O que significaria que na melhor das hipóteses nós seríamos frações de alguém. Será por isso que nós somos tão cheios de falhas?

HENRIQUE - Hein? É que eu não sei se entendi direito... É que eu sou fraco em Matemática.

DIANA - Eu sei. Estou falando de mais de novo... Tô parecendo minha mãe...

**Pequeno silêncio.**

DIANA - Você acredita que isso que a gente está fazendo já foi normal? Sei lá, nos anos 60 de repente...

HENRIQUE - Quem sabe... Era uma outra geração.

DIANA - (CITANDO) "A vaidade de cada geração é julgar-se inferior as outras." (TOM) Não me lembro quem disse isso. Mas é verdade. Não faz diferença de qual geração você faz parte.

HENRIQUE - Meus pais não se amavam e mesmo assim decidiram se casar quando minha mãe engravidou de mim. E tentaram me criar bem.

DIANA - Eles se divorciaram?

HENRIQUE - (ALIVIADO) Finalmente no ano passado. Deviam ter feito isso antes, mas ficaram juntos por mim e pela minha irmã. (IRÔNICO) Muito obrigado! (PAUSA. TOM) Uma vez minha mãe me disse na frente do meu pai, no meio de uma briga, que ele não me queria, que ele ficou puto quando soube que ela estava grávida. Por isso eu sempre vi um mundo como um lugar ao qual eu não pertencço.

DIANA - Que coisa triste.

HENRIQUE - Não... Sabe... Eu acabei me orgulhando disso. Eu penso assim: "A minha vida só pertence a mim". (SE DIVERTINDO) É como entrar de penetra numa festa que você não foi convidado.

DIANA - Os meus pais ainda são casados e acho que são felizes. Sabe, ando pensando muito nisso ultimamente: Você conhece alguém que tenha um relacionamento realmente feliz?

HENRIQUE - Até conheço uns casais felizes. Mas acho que eles mentem um pro outro.

DIANA - As pessoas vivem mentiras. Sempre achei que a vida amorosa da minha avó fosse muito simples. Até que um dia, ela me confessou que viveu sonhando com um outro homem pelo qual ela era apaixonada. Ela aceitou seu destino. (TOM) É tão triste!

HENRIQUE - Quer saber? Foi melhor assim. Se ela tivesse ficado com o outro ia acabar se decepcionando.

DIANA - Como é que você sabe? Você nem os conhece!

HENRIQUE - São pessoas que fazem projeções românticas em relação a tudo.

DIANA - (TIRANDO SARRO) Está falando o cara que me arrancou do ônibus porque nós tínhamos uma "conexão"!

**A música sobe. Mudança de luz. Eles estão no Cristo Redentor. É como se eles pudessem ver todo o Rio.**

HENRIQUE - Ali é Ipanema... Logo depois tem o Leblon, a Lagoa...

DIANA - A Lagoa?

HENRIQUE - É.

DIANA - (MARAVILHADA PELA BELEZA INSUPERÁVEL DO RIO)  
Que vista maravilhosa!

HENRIQUE - É. É linda mesmo. Ainda mais com esse por  
do sol. Isso bem que poderia ser...

DIANA - (VIAJANDO NA BELEZA) Uma canção do Jobim!

HENRIQUE - (SURPRESO) Você gosta de Jobim?

DIANA - (ENTUSIASMADA) Eu amo bossa-nova!

HENRIQUE - Espera!

**Henrique puxa um disc-man de um dos bolsos de sua  
calça. Coloca o fone no ouvido de Diana.**

HENRIQUE - Escuta.

**Ele aperta um botão e começa a tocar "Eu e Meu  
Amor". Ela gosta. A música começa a rolar e o clima  
entre os dois a crescer. Em momento algum durante a  
cena eles trocam olhares. Sempre que um sente o  
olhar do outro, desvia o seu, num balé de olhares.  
De repente, a música pára.**

DIANA - (DE VOLTA À REALIDADE) Parou.

HENRIQUE - (AINDA VIAJANDO EM DIANA) Oi?

DIANA - A música... Parou.

HENRIQUE - (DESPENCANDO NA REAL) Ah... Deve ser a  
pilha.

**Pequeno silêncio.**

HENRIQUE - Você já teria chegado em Floripa se não  
tivesse me conhecido no ônibus?

DIANA - (OLHANDO O RELÓGIO E PENSANDO) Não, ainda não... (TOM) O que você estaria fazendo?

HENRIQUE - Estaria no aeroporto chorando em cima de um café frio porque você não quis vir comigo. E você?

DIANA - Eu? (BRINCANDO) Estaria conversando alegremente com qualquer cara que estivesse ao meu lado no ônibus.

HENRIQUE - Quer dizer então que eu só sou o cara sentado ao seu lado, decorando temporariamente a tela em branco da sua vida.

**Riem.**

DIANA - Eu estou adorando esse passeio.

HENRIQUE - Eu também.

DIANA - É uma experiência diferente não conhecer ninguém que te conheça para me contar os seus defeitos.

HENRIQUE - Eu mesmo posso te contar alguns.

DIANA - (DUVIDANDO) Tá bom... (PAUSA) Eu tenho que te confessar uma coisa, eu me sinto como um general toda vez que começo a namorar. Fico planejando estratégias, manobras para conhecer seus pontos fracos... O que o magoa, o que o seduz... É horrível! (TOM) Se nós ficássemos juntos durante um tempo, qual seria a primeira coisa que te irritaria?

HENRIQUE - (MEIO BRAVO) Ah não! Nada disso!

DIANA - O que foi?

HENRIQUE - Uma ex-namorada minha sempre me perguntava isso: "O que te irrita em mim?". Um dia

eu respondi: "Você não aceita críticas." Ela ficou puta e me largou. (PAUSA) No fundo, ela só queria um motivo pra dizer o que tinha de errado comigo. Motivo pra brigar. (TOM) É isso que você quer?

DIANA - Não, não é nada disso. Mas de qualquer maneira eu acho que o conflito também é saudável. Muitas coisas boas vêm daí.

HENRIQUE - Sei lá. O problema é que todo mundo quer ganhar a briga. Nós somos competitivos por natureza. Temos sempre que vencer.

DIANA - É por isso que você queria que eu viesse contigo?

HENRIQUE - Claro que não!

DIANA - (FAZENDO CHARME) Sei...

HENRIQUE - Estou dizendo que não!

DIANA - (MAIS CHARMOSA AINDA) Sei...

HENRIQUE - Olha, a Capela!

DIANA - A capela!

HENRIQUE - Será que está aberta?

**Eles entram na capela.**

HENRIQUE - Vamos entrar?

DIANA - Vamos! (T) Faz tempo que eu não entro numa capela. Eu não gosto de religião. Tenho pena das pessoas que procuram a Igreja por que estão perdidas, sofrendo, ou se sentindo culpadas...Uma vez eu trabalhei para um senhor que tinha 62 anos. Ele me disse que viveu a vida inteira pensando na carreira e um dia percebeu que nunca dera nada de si

mesmo. Não tinha vivido por nada ou por ninguém. Ele quase chorou ao dizer isso! (TOM) Eu acredito que se Deus existe ele não está em nenhum de nós. Nem em você, nem em mim. Mas no espaço que nos separa. (PAUSA) Se existe algum tipo de magia, ela está em tentar entender e compartilhar. Eu sei... É quase impossível conseguir

HENRIQUE - É muito louco... Você fala das coisas com tanta maturidade. (TOM) Eu fico sempre me imaginando como um menino de 13 anos que não consegue crescer, sabe? Fingindo viver a minha vida, esperando a minha hora de viver. Parece um ensaio de uma peça sem data para estrear. (PAUSA. TOM) Você já ouviu falar na religião Quaker?

DIANA - Não. Nada.

HENRIQUE - Fui a um casamento quakriano uma vez. É assim: O casal entra, se ajoelha diante de toda a congregação. E eles ficam se olhando. Qualquer um só fala se sentir que Deus quer que fale. (PAUSA) Depois de uma hora só se olhando eles já estão casados.

**Eles ficam se olhando como na cena descrita.**

HENRIQUE - (RINDO) Olha... Me diz uma palavra que eu vou te fazer um poema.

DIANA - Como?

HENRIQUE - Me diz uma palavra.

DIANA - Qualquer palavra? Ta. (PENSA E RI) Docinho!

HENRIQUE - Docinho?! Tá! Deixa eu ver...

**Ele tira um pedaço de papel e uma caneta do bolso e começa a escrever. Ela fica olhando. Depois de um tempo ele termina e entrega o papel pra ela.**

HENRIQUE - Aqui está.

**Ela devolve o papel.**

DIANA - Lê pra mim?

**Ele sorri.**

HENRIQUE - "Aquilo que eu ousou  
Não é o que quero  
Eu quero o repouso  
Do que não espero.

Não quero o que tenho  
Pelo que custou  
Não sei de onde venho, docinho  
Sei para onde vou.

Homem, sou a fera  
Poeta, sou um louco  
Amante, sou pai.

Vida, quem me dera...  
Amor, dura pouco...  
Poesia, ai!...

**Ela sorri emocionada.**

DIANA - É lindo.

**Eles se beijam. É o primeiro beijo, aquele que parece infinito.**

DIANA - (DESCONFIADINHA) Vai dizer que foi você mesmo que fez esse poema?

HENRIQUE - Claro que não! É do Vinícius de Moraes. Eu só enfiei docinho no meio.

Riem e se beijam de novo. Durante o beijo a luz muda. Agora eles estão num bar na Lapa.

Começa então a tocar Tereza Cristina ou Mart´Nália como música de fundo. Eles colocam uma mesa de sinuca no centro do palco e pegam duas garrafas de cerveja que irão tomar no gargalo. Enquanto o diálogo for se desenrolando, eles se revezam jogando.

HENRIQUE - (MEIO SEM GRAÇA) É... A gente ainda não conversou sobre isso... (PAUSA) Você tem algum namorado te esperando em Floripa ou algo parecido?

DIANA - No momento não.

HENRIQUE - Então você tinha...

DIANA - Terminamos tudo já faz seis meses.

HENRIQUE - Quer falar dele?

DIANA - ("ÁGUAS PASSADAS") Não! Ele é um saco! Eu achei que ia durar um pouco. (TOM) Mas ele era feio, burro, alcoólatra e... ruim de cama. Sacou?

HENRIQUE - Parece o cara perfeito!

**Riem.**

DIANA - Engraçado... Eu achava que estava fazendo um favor pra ele, mas aí ele veio dizendo que eu o amava demais e isso bloqueava o seu talento artístico. Pode? Enfim, eu fiquei traumatizada e até um pouco obcecada por ele. (TOM) Fui num psicólogo e contei pra ele que eu tinha escrito uma historinha estúpida sobre uma garota que ia matar o namorado. (DESCREVENDO) Como ela ia fazer, todos os detalhes para mata-lo sem que a sociedade descubra...

HENRIQUE - Matar o namorado?

DIANA - Ela ia, mas eu não. Era só uma história.

HENRIQUE - Ah, bom.

DIANA - O pior é que o cretino do terapeuta achou que eu ia mata-lo. Era a primeira seção. Ele disse que ia ligar pra polícia.

HENRIQUE - Não acredito!

DIANA - Ele tinha certeza de que eu ia mata-lo. Eu disse: "Querido, é só uma história!" Ela me encarou e disse: "Diana. do jeito que você falou eu sei que você vai mata-lo". O cara pirou! Foi minha primeira e última seção.

HENRIQUE - E depois?

**Diana vê a mesa de sinuca.**

DIANA - Sinuca! Adoro!

HENRIQUE - Nunca fui muito bom...

DIANA - Então se prepare para perder!

**Eles começam a jogar sinuca.**

HENRIQUE - E depois?

DIANA - Eu o esqueci completamente. (TOM) Só que fiquei paranóica com a idéia de que ele vai morrer num acidente bem distante e eu seria a principal suspeita! (PAUSA. TOM) Por que ficamos obcecados por pessoas de quem nem gostamos direito?

HENRIQUE - Sei lá.

DIANA - E você?

HENRIQUE - (FINGINDO NÃO ENTENDER) Eu o que?

DIANA - Tem namorada?

HENRIQUE - Engraçado como evitamos esse assunto até agora.

DIANA - Estou esperando...

HENRIQUE - (TENTANDO FILOSOFAR) Eu vejo o amor como uma fuga para duas pessoas que não sabem ficar sozinhas. Todos falam do amor como uma coisa altruísta, mas não há nada mais egoísta. (TACADA DELE)

DIANA - (CERTEIRA) Sei. Você acabou de levar um fora.

HENRIQUE - Como é que é?

DIANA - E ainda está magoado. (TACADA DELA)

HENRIQUE - (ASSUMINDO) Tá tão na cara, é? Tá legal... Vou te confessar uma coisa que eu já deveria ter dito a mais tempo. Eu não vim ao Brasil só para viajar por aí com uma mochila nas costas. Eu tinha juntado grana pra visitar minha namorada que resolveu voltar a morar em Salvador...

DIANA - Namorada.

HENRIQUE - Ex-namorada. Não via ela havia seis meses. Cheguei e fomos jantar a primeira noite com seis amigos dela! (SARCÁSTICO) Lucas, André, Luis, João, Andréa e Camila. (TOM) Ela evitou ficar sozinha comigo durante dias. Tive que me acostumar com a idéia que ela não me queria mais. Em suma... Comprei a passagem de volta pra Paris mais barata, que é para amanhã e me meti no primeiro ônibus que tinha.

DIANA - (ACONSELHANDO) Veja o lado bom das coisas. (TACADA DELA)

HENRIQUE - Que lado bom?

DIANA - Sei lá. Foi o psicólogo que me disse isso. Paguei R\$150,00 pra ele me acusar de homicida, mas que minha obsessão acabaria se eu visse o lado bom das coisas.

HENRIQUE - E funcionou?

DIANA - Já faz um tempinho que eu não mato ninguém. (TACADA DELA)

HENRIQUE - Um tempinho? Então funcionou.

DIANA - O que eu acho mais engraçado é que segundo ele não importa o tipo de experiências que você teve, mas sim a sua forma de encarar as coisas.

HENRIQUE - Pode crer... (PAUSA. TOM) Sabia que existe uma espécie de macacos que transa o tempo inteiro. É a raça menos violenta, mais pacífica e mais feliz. (TACADA DELE) Acho que transar indiscriminadamente não é tão ruim.

DIANA - Você está falando de macacos?

HENRIQUE - Estou. Por que?

DIANA - Sei lá... Me parece a desculpa perfeita para o macho que quer "comer" todas. (TACADA DELA)

HENRIQUE - Mas as macacas também transam. São os macacos com as macacas. Todos transam.

DIANA - Sei... (TACADA DELA) Eu tenho uma idéia paranóica de que o feminismo foi inventado pelos homens para poder transar mais. "Mulheres: libertem

a mente e o corpo. Seremos livres, felizes e poderei te comer!”.

HENRIQUE - Pra mim o feminismo é uma prova de insegurança das mulheres.

DIANA - Que horror! (TACADA DELA)

HENRIQUE - Pelo menos os homens são mais diretos.

DIANA - Isso é verdade. Quando dois homens não se gostam eles não se falam. Duas mulheres quando não se gostam viram melhores amigas.

HENRIQUE - ...Ih, perdi !

DIANA - Perdeu ! Vai ter que pagar uma prenda. Dançar comigo.

**Eles dançam, a música acaba.**

HENRIQUE - Ah, a música já acabou?!

DIANA - (SE REFERINDO A ELES TAMBÉM) Tudo é tão efêmero.

HENRIQUE - É. Acho que é justamente por isso que acho que esse tempo que estamos passando juntos é tão importante.

DIANA - É. Essa é a nossa situação. É provável que depois que a madrugada acabe a gente nunca mais se veja, certo?

HENRIQUE - Você acha mesmo que a gente nunca mais vai se ver? Vai ser apenas uma noite?

DIANA - Vamos encarar isso racionalmente. Sei lá, talvez não seja tão ruim assim se essa for a nossa única noite. (PAUSA) Você sabe... As pessoas acabam se escrevendo duas ou três vezes...

HENRIQUE - E logo perdem a empolgação... Eu detesto isso.

DIANA - Eu também. (CÉTICA) Pelo menos ficamos assim. Sem ilusões. Sem projeções.

**Se beijam. Diana fica com um ar triste.**

HENRIQUE - O que foi?

DIANA - Bateu um baixo-astral. Agora só vamos ficar pensando na hora da despedida. Na hora em que diremos "adeus" quando o sol raiar.

HENRIQUE - Então vamos dizer "adeus" agora para não ter que dizer amanhã.

DIANA - Agora?

HENRIQUE - É. Diga "Adeus".

DIANA - Adeus.

HENRIQUE - Adeus.

**A luz muda. Agora cada um vai para um canto do palco e ambos encaram a platéia. Eles obviamente falam sem se ouvir.**

DIANA - Ai, meu Deus! Ele é tão fofo!

HENRIQUE - Caramba! Ela deve estar me achando um bobão! Pô, Henrique... Pára de falar besteira, cara! Viu as caras que ela faz pra você?

DIANA - Cada coisa linda que ele diz! Safado! Me botou numa armadilha! Me ganhou de cara... E eu, hein? Precisava contar a historinha da menina que ia matar o namorado?! Tô querendo o que? Assustar a

cara? Ele deve estar achando que eu sou uma dessas megeras manipuladoras!

HENRIQUE - Matar o namorado... (RI) Que criatividade! Que história maneira!

DIANA - Será que ele acha que eu vou querer matar ele? Eu sempre assusto os homens com esta história. (TOM) Bom, mas eu poderia explicar. Posso chegar lá e dizer que o instinto assassino é natural do ser humano. É... Posso até perguntar se ele nunca teve vontade de matar ninguém. (TOM) No trânsito, por exemplo. Quando um idiota dá uma cortada em você! Poxa... O homem é violento. E hoje, já que a gente não pode matar ninguém, só podemos mesmo sonhar, para extravasar todo o ódio que sentimos no nosso coração. Vou dizer isso para ele. (PAUSA. TOM) Melhor não. Melhor eu ficar quieta. Eu sempre perco meus namorados quando fico falando minhas teorias. (TOM) Os homens não querem saber de mulheres inteligentes. Vou dizer para ele esquecer aquele papo de matar namorado.

HENRIQUE - (RINDO) Matar o namorado! Tá na cara que ela é incapaz de fazer mal a ninguém. (PAUSA) Mas um instinto assassino... Humm! Adorei!

DIANA - Poxa, a única pessoa que eu posso machucar sou eu mesma! (PAUSA. APAIXONADA) E ele é tão lindinho... Meio desajeitado, cabelos sujos... Beija como adolescente!

HENRIQUE - Que sorte, cara! Conhecer esse anjo dentro de um ônibus. (APAIXONADO) Ela é demais! Super inteligente, passional, bonita... (TOM) Meu Deus! Nós homens não entendemos nada das mulheres! Ela deve estar me detestando!

DIANA - Que quê eu faço? Eu estou gostando cada vez mais dele! (TENTANDO SE CONTER) Diana, Diana... Ele

mora em Paris! Vai embora amanhã! Amor à distância nunca dá certo!

HENRIQUE - Eu estou gostando tanto dela... (TOM. MEIO DESEPERADO) Eu acho que ela quer fugir! Ir embora!

DIANA - Será que a gente vai se ver de novo?

HENRIQUE - Será que a gente vai se ver de novo?

**A luz muda. Música romântica. Eles estão agora na praia do Leblon.**

DIANA - (SINCERA) Tantas vezes na minha vida eu estive com pessoas, dividindo coisas como viajar, ou ficar acordada a noite toda até ver o sol nascer... Eu sabia que eram momentos especiais. Mas sempre alguma coisa parecia errada. (PAUSA) Eu queria que fosse outra pessoa ao meu lado. Eu sabia o que estava sentindo, o que era importante para mim. E eles não entendiam. (PAUSA. TOM) Mas hoje, aqui com você... Eu estou feliz. Você não tem como saber o quanto uma noite dessas é importante na minha vida. Mas é.

HENRIQUE - Você acha que nós vamos ter outras como essa?

DIANA - (BRINCANDO) E quanto as nossas decisões adultas racionais, hein? (PAUSA. TOM) Às vezes eu me pergunto como será o homem da minha vida, ou até mesmo se ele vai existir... (TOM) Você acha que um dia ele surge... O grande amor da nossa vida?

HENRIQUE - Eu acho que sim. (TOM) O problema é que as mulheres tendem a sonhar com um cara que só existe na cabeça delas.

**Diana ri.**

HENRIQUE - Como é que é esse cara pra você?

DIANA - Ah... Eu não quero tanta coisa, não. Eu só quero que ele goste de mim e me compreenda, porque muitas vezes eu não gosto de mim e não me compreendo.

**Henrique se levanta e começa a fazer um círculo em torno deles.**

DIANA - Ei, o que você está fazendo?

HENRIQUE - Shiii! (ACABA DE FAZER O CÍRCULO) Estou criando o mundo.

DIANA - Hein?

HENRIQUE - Aprendi com um Neozelandês descendente de uma das tribos de lá. Quando um feiticeiro quer contatar seus espíritos protetores, precisa se isolar de tudo. Então ele desenha um círculo no chão e cria um mundo. Depois, no meio desse universo vazio, ele constrói com a sua imaginação o que quiser. Ele pode inclusive parar o tempo se estiver concentrado e desejar com toda sua vontade. Sabe, era isso que eu queria. Se não desse para parar o tempo que pelo menos essa fosse a noite mais longa da história.

DIANA - Então deixa eu te ajudar. Eu também quero que essa noite dure como nunca durou antes. E que nada possa perturbar nosso encontro.

**Se beijam.**

HENRIQUE - (CURIOSO) O que foi?

DIANA - A gente precisa de apelidos.

HENRIQUE - Como é que é?

DIANA - Sério! Como é que a gente vai contar a nossa história pros nossos amigos? (CONTANDO PRA ALGUÉM) "Conheci um cara super legal, o Henrique". (TOM) Não! Não pode ser assim. Temos que ter apelidos.

HENRIQUE - (APROVEITANDO BEM CADA NOME) Algo do tipo: neném, gatinha, bebê?

DIANA - É! Só que tem que ser só nosso... Não pode ser qualquer apelido! (DESPREZANDO) Gatinha...

HENRIQUE - Então eu vou ser o leão!

DIANA - Leão? (TIRANDO SARRO) Eu acho que não...

**Os dois pensam.**

DIANA - Já sei! Sr. Geléia!

HENRIQUE - O que? Sr. Geléia? Ah não! (TOM) E você é quem? A Sra. Geléia?

DIANA - É.

HENRIQUE - Mas é ridículo!

DIANA - (GAZADORA) É mesmo "Leão"? (TOM) Poxa! É tão fofinho! O Sr. e a Sra. Geléia!

HENRIQUE - Meus amigos vão me matar!

DIANA - Eles vão é morrer de inveja.

HENRIQUE - Inveja? Vão é perguntar como a gente conversava... Hababadabada!

DIANA - Adorei! Badabahadaba!

HENRIQUE - Ah não! Você não pode estar falando sério...

DIANA - Abadaba!

**Eles riem.**

DIANA - Vamos, tenta!

**Henrique hesita, mas depois começa meio sem graça e muito fofo.**

HENRIQUE - Raba daba?

DIANA - Ai, que fofo!

**Diana pula no pescoço dele.**

DIANA - Sabe o que eu quero agora, Sr. Geléia?

HENRIQUE - O que?

DIANA - Ser beijada.

HENRIQUE - Isso eu acho que posso resolver.

**Ele beija ela. Eles se beijam. Ela pára o beijo.**

DIANA - Espera. (PAUSA) Eu tenho uma coisa boba pra dizer.

HENRIQUE - Tudo bem.

DIANA - É bem boba.

HENRIQUE - Tá legal.

DIANA - É muito boba.

HENRIQUE - Fala.

DIANA - Eu não acho que a gente deveria transar. (TOM) Eu quero muito! Mas já que não a gente não vai mais se ver... Eu vou me sentir mal. (PAUSA) Sei lá... Vou imaginar com quem você vai estar. Vou

sentir sua falta. (TOM) Eu sei... Não é muito adulto, talvez seja coisa de mulher... Mas não consigo evitar.

HENRIQUE - (QUERENDO TRANSAR) Vamos nos ver de novo?

DIANA - Não vou quebrar nosso trato só pra você transar!

HENRIQUE - Não se trata apenas de transar...Eu quero... Eu queria... (RI) Olha, eu acho que a gente devia transar. Sei lá... Um dia a gente morre e aí...

DIANA - E eu vou ser só a sua fantasia. "Transar com a garota desconhecida que conheceu no ônibus.". É uma grande história pra contar. (TOM) Nada disso. Eu quero que essa noite seja... Especial.

HENRIQUE - Tá bom. Você tem razão. Não tem problema. A gente não precisa transar.

DIANA - (APÓS PEQUENA PAUSA) Tá.

**Pausa.**

DIANA - Você não quer me ver de novo.

HENRIQUE - É claro que quero! Olha... Se agora alguém me desse a escolha de casar com você ou nunca mais te ver... Eu casaria com você. É sério! Pode parecer um monte de bobagem romântica... Mas as pessoas se casam por muito menos.

DIANA - Sabe... Eu vi que queria transar com você quando a gente desceu do ônibus. Mas depois de que a gente conversou tanto, não sei mais...

**Ele se encolhe em desespero, grunhindo. Ela ri.**

DIANA - Por que a gente sempre complica tudo?

Os dois se beijam e a luz diminui em fade enquanto o clima entre os dois aumenta. Black-out sugestivo. Música romântica que vai sendo substituída pelo barulho dos ônibus da rodoviária. No pano do fundo a Eles estão no centro do palco com todas as malas. Eles estão nervosos.

HENRIQUE - É esse mesmo o seu ônibus?

DIANA - É sim.

HENRIQUE - Tem certeza?

DIANA - Tenho.

**Pequeno silêncio.**

DIANA - Tenho que embarcar. Já vai sair.

HENRIQUE - Bom... Acho que chegou a hora.

HENRIQUE - Eu queria... Bom você sabe...

DIANA - É... Eu sei... Bom... Tenha uma boa vida. Eu tenho certeza que você vai se divertir muito.

**Se abraçam emocionados.**

DIANA - Tudo de bom pra você.

HENRIQUE - Tá legal. Tudo de bom pra você também.

DIANA - Sr. Geléia...

HENRIQUE - Sra. Geléia... (PAUSA. TOM) Eu estou detesto isso!

DIANA - Os apelidos?

HENRIQUE - Não! A despedida!

DIANA - Eu também!

**Se beijam e ela vai embora. Ele a chama.**

HENRIQUE - Diana, se lembra toda aquela baboseira que a gente falou sobre não se ver mais? Esquece! Eu não quero fazer isso!

DIANA - (VOLTANDO) Eu também não!

HENRIQUE - (SURPRESO) Também não?

**Os dois começam a falar cada vez mais rápido com medo do ônibus que está pra partir.**

DIANA - Estava só esperando que você dissesse.

HENRIQUE - E você não me disse nada...

DIANA - Achei que você não quisesse me ver de novo!

HENRIQUE - Eu?! (TOM) Tá. Tá legal. E a gente vai fazer o que, então?

DIANA - Sei lá! A gente pode se encontrar aqui de novo.

HENRIQUE - Aqui? Tá legal. Quando?

DIANA - Não sei. Daqui a uns cinco anos.

HENRIQUE - Não! Cinco anos é muito tempo!

DIANA - É! Terrível! Cinco anos é uma eternidade!

HENRIQUE - Que tal um ano?

DIANA - Seis meses?

HENRIQUE - Fechado. Seis meses.

DIANA - Vai estar no inverno.

HENRIQUE - O Rio de Janeiro é lindo em qualquer estação!

DIANA - Tchau. (VOLTANDO) Seis meses de ontem ou de hoje?

HENRIQUE - De ontem! Seis meses de ontem que foi dia xx/xx! (ELE ANOTA NO LIVRO DO CASSETA & PLANETA E JOGA O LIVRO PARA DIANA) No ponto de embarque número seis as seis horas da tarde!

DIANA - (JOGA O LIVRO DO SARAMAGO PARA ELE) Vou estar aqui.

HENRIQUE - Eu também.

DIANA - Nada de telefonemas, cartas?

HENRIQUE - Não, nada disso. É muito deprimente.

DIANA - Adeus.

HENRIQUE - Adeus.

**E ela se vai. Música sobe. Black-out.**